



COMUNIDADES EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DAS PARÓQUIAS DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS E SÃO JULIÃO DE FRIELAS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 172 - Novembro 2016

EDITORIAL

Iniciamos, já, um Novo Ano Pastoral! É uma nova porta que se abre diante de nós, através da qual somos convocados para a experiência do encontro com Jesus! Esse encontro dá-se, dum modo particular, na comunidade. É aí que, nas palavras do Papa Francisco, somos “*família de famílias*” (AL).

O Boletim “Comunidade em Movimento” pretende ser um instrumento que nos ajude a fomentar essa familiaridade cristã. A partir deste Ano Pastoral, este veículo informativo será feito em conjunto pelas paróquias de Santo António dos Cavaleiros e S. Julião de Frielas. Passar-se-á a chamar “Comunidades em Movimento”, aludindo, desta forma, ao caminho fraterno que estas comunidades têm feito em conjunto ao longo deste ano!

O presente número, faz uma apresentação breve dos traços e dos objetivos para este novo ano pastoral!

Peçamos a Deus o dom do seu Espírito e à Sua Mãe Santíssima a sua luz e a sua proteção maternal!

APRESENTAÇÃO ANO PASTORAL 2016-2017

“A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas”

(Amoris Laetitia, 87)

Irmãos e Irmãos de Frielas e Santo António dos Cavaleiros:

Como lemos na passagem supracitada, o Papa Francisco, na exortação Apostólica A Alegria do Amor recorda-nos que a Igreja é uma Família de Famílias!

Esta recordação em forma de exortação coloca-nos na linha dos primeiros tempos da comunidade cristã, em que a Fé se vivia em ambiente doméstico! Era na casa de família que a Fé era semeada, cuidada, cultivada e donde dava frutos de santidade!

As comunidades paroquiais surgiram como uma forma de expandir essa experiência doméstica, pois a Fé quando é pura e verdadeira leva-nos a construir comunidade.

Estamos num tempo em que a família, quer na sua forma tradicional, quer, também, na sua conceção cristã, está a ser posta em causa! Como cristãos, somos chamados

a ser testemunhas do papel insubstituível da Família na Igreja e na sociedade!

Neste contexto, propomos como objetivo geral para este ano pastoral de 2016-17:

“O Sonho Missionário de Chegar a todos: Com Maria, ser Família de Famílias”.

Com este tema, colocamo-nos em sintonia com a exortação do Papa Francisco sobre a Família, ao mesmo tempo que acompanhamos a fase final do Sínodo Diocesano de Lisboa e celebramos o Centenário das Aparições de Fátima. Vamos ter estes acontecimentos presentes durante este ano, em particular durante a Missão Vicarial – 14 a 19 de Março – que, em 2017, ocorre em Santo António dos Cavaleiros.

Que o Espírito Santo nos guie neste caminho em Família e que Maria nos conduza sempre até Jesus.

Sagrada Família de Nazaré, rogai por nós e pela nossa paróquia.

Com Amizade, unidos em Cristo,

O Pároco

CARTA DO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA, DOM MANUEL CLEMENTE NO INÍCIO DO ANO PASTORAL

Caríssimos diocesanos,

De 30 de novembro a 4 de dezembro reúne-se a nossa assembleia sinodal segundo o Código de Direito Canónico (cân. 460 ss). Como vos tenho dito e escrito, vejo-a como a etapa “canónica” da nossa caminhada sinodal, sendo esta muito mais vasta e englobante do conjunto da diocese, antes, durante e depois.

Tudo começou com a exortação apostólica A alegria do Evangelho (*Evangelii Gaudium*) do Papa Francisco, de 24 de novembro de 2013, convidando-nos para uma nova etapa evangelizadora e indicando caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos (cf. EG, 1).

O Papa quis também que em cada diocese “amadurecessem” os organismos de participação canonicamente previstos - entre os quais o sínodo diocesano - e outras formas de diálogo pastoral. E que tal acontecesse, não tanto por motivos de “organização eclesial”, mas com “o sonho missionário de chegar a todos” (cf. EG, 31).

Ouvindo o Conselho Presbiteral, que se pronunciou unanimemente neste sentido, começou o nosso caminho sinodal, em que participaram milhares de fiéis do Patriarcado, juntando reflexões e ensaiando ações a partir dos cinco capítulos da exortação apostólica, tudo envolvido na oração pessoal e comunitária. Com o que enviaram para a comissão preparatória, elaborou-se o Documento de Trabalho que está na base da próxima assembleia sinodal. Com plena liberdade de ação do Espírito, procuraremos que o caminho sinodal de Lisboa, que envolveu tantos fiéis leigos, consagrados e ordenados, seja tomado no seu conjunto e continue depois, na aplicação concreta dos tópicos e critérios entretanto apurados.

Neste dia em que vos escrevo, celebra-se em toda a Igreja a Memória de Nossa Senhora do Rosário, ocasião propícia para insistir na necessidade de, com Maria, Mãe de Jesus, perseverarmos unidos em oração (cf. Ac 1, 14). Esta atitude “garantiu” a primeira evangelização e garantirá agora a que levamos por diante.

O próprio Papa Francisco o indica na exortação apostólica, na parte referente a “*Maria, a Mãe da evangelização*” (cf. 284 ss). Retomo alguns pontos do que nos escreve a propósito:

Maria é indispensável na herança de Jesus. Mais ainda, é com Ela que O podemos contemplar e seguir, com verdade e empenho. Escreve o Papa: “*Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe: e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho*” (EG, 285).

Geralmente falando, ninguém conhece tão bem os filhos como as suas mães. Para conhecer Jesus e O testemunhar no mundo é-nos imprescindível aprender

com Maria o que nela primeiramente se passou, em relação a Jesus e ao respetivo seguimento. Acertarmos na evangelização a fazer entre nós, só com Maria é possível, em meditação orante.

Da sua parte, o exercício é constante, cumprindo a maternidade eclesial que Jesus lhe confiou. Da nossa parte, a oração seja agora mais insistente, em filial correspondência. Oiçamos o Papa: “*Ela é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus*” (EG, 286).

Maria ensina-nos a todos o que Ela mesma aprendeu e viveu a respeito do Jesus e do Evangelho. E não há melhor aprendizagem do que a que temos das nossas mães, nem vínculo mais duradouro e profundo para a família inteira. Roguemos então com o Papa: “*À Mãe do Evangelho vivo, pedimos que interceda a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. [...] Hoje fixamos nela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem comprometidos evangelizadores*” (EG, 287).

Maria oferece a quem lho peça o que lhe é tão próprio enquanto mulher e mãe. O Papa define-o como ternura e afeto, sentimentos indispensáveis à evangelização no seu todo: “*Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja*.”

“*Porque sempre que olhamos para Maria voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto*”. E, depois de sumariar as atitudes essenciais da Mãe de Jesus, o Papa conclui: “*Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros, faz dela um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-lhe que nos ajude com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento de um mundo novo*” (EG, 288).

Caríssimos diocesanos do Patriarcado de Lisboa: Reforcemos a todos os níveis - pessoal, familiar e comunitário - a oração pelo Sínodo e os seus frutos. Como indica o Papa Francisco, façamo-lo em chave mariana, para que com Maria aprendamos Cristo e O testemunhemos como agora importa e tanto urge.

Repetindo a oração que temos feito desde

o início da nossa caminhada sinodal de Lisboa: «*Maria, Mãe da Igreja, ajudai-nos a dizer o nosso "sim". Dai-nos a audácia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga. Virgem da escuta e da contemplação, intercedei pela nossa Igreja de Lisboa, em caminho sinodal, para que nunca se feche nem se detenha na sua paixão por instaurar o Reino. Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a resplandecer com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz. Mãe do Evangelho vivo, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós. Amén.*»

Convosco, irmão e amigo,
+ Manuel, Cardeal-Patriarca



A NOSSA AGENDA

DATAS SIGNIFICATIVAS PARA O ANO PASTORAL

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

DIA DA COMUNIDADE: 13 de Novembro de 2016

DIA DO DOENTE E IDOSO: 12 de Fevereiro de 2017

MISSÃO VICARIAL: 14–19 de Março 2017

PEREGRINAÇÃO A PÉ A FÁTIMA: 25–29 de Abril 2017

PEREGRINAÇÃO DA PAROQUIA A FÁTIMA:

21 de Maio de 2017

FESTAS DE SANTO ANTÓNIO: 9–10 de Junho 2017

PRIMEIRA COMUNHÃO:

28 de Maio e 4 de Junho de 2017

SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO: 3 de Junho de 2017

FRIELAS

FESTA DE NATAL DA CATEQUESE: 11 de Dezembro

MISSÃO VICARIAL: 14–19 de Março 2017

(em Santo António dos Cavaleiros)

PEREGRINAÇÃO A PÉ A FÁTIMA: 25–29 de Abril 2017

EUCARISTIA CAMPAL COM PROCISSÃO DE VELAS: 6 de Maio de 2017 (21.00)

PEREGRINAÇÃO DA PAROQUIA A FÁTIMA: 21 de Maio de 2017

FESTAS DE S. JULIÃO: 30 Junho, 1–2 de Julho de 2017
(a confirmar)

CELEBRAÇÃO DA CONFIRMAÇÃO: 2 de julho
(a confirmar)

EM NOVEMBRO

EM COMUM

DIA 6 – Início da Semana dos Seminários

DIA 13 – Dia dos Seminários

DIA 13 – Encerramento da Porta Santa – Póvoa de Santo Adrião (18h00)

DIA 17 – Reunião da Vigararia

DIA 20 - Encerramento da Porta Santa – Sé Catedral

DIA 26 – Centro de Preparação para o Batismo (15h00)

DIA 27 – 1.º Domingo do Advento

Abertura do Sínodo Diocesano

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

DIA 13 – Dia da Comunidade

Programa: Eucaristia (11h00) / Almoço em comum - Festa dos sabores (12h30 - 14h30) / Tarde de Convívio (16h30) / Magusto

Traga castanhas.. bebidas e algo para partilhar ao Almoço!

DIA 19 – Reunião da Confraria de Nossa Senhora do Carmo

Encontro do Coro Laudate Dominum

DIA 20 – Compromisso dos Catequistas

Oração Carmelita (17h00)

DIA 26 – Noite de Fados – Agrupamento CNE.

SÃO JULIÃO DE FRIELAS

DIA 6 – Abertura Solene da Catequese: Eucaristia (10h00) e sessão com as crianças e os pais

DIA 20 – Compromisso dos Catequistas

JUBILEU DA MISERICÓRDIA: CONHECIMENTO E PRÁTICA DAS OBRAS DE MISERICÓRDIA

OBRAS DE MISERICÓRDIA PROPOSTAS PARA SE VIVEREM MAIS INTENSAMENTE NO MÊS DE NOVEMBRO:

ENTERRAR OS MORTOS

Em Israel, ser privado de sepultura era visto como um mal horrível (cf Sl 79,3), que fazia parte do castigo com que ameaçavam os ímpios (cf 1Rs 14,11s; Is 34,3; Jr 22,18s). Por isso era uma obra de piedade e uma prática piedosa no judaísmo. Daí as exortações do Ben Sirá: «Não negues a tua atenção aos mortos» (Eclo 7,33). «Meu filho, derrama lágrimas pelos mortos, faz luto como alguém que sofre profundamente. Depois enterra o cadáver segundo o costume, e não deixes de honrar o seu túmulo» (Eclo 38,16).

O testemunho relevante desta prática é oferecida pelo Livro de Tobias: «No tempo de Salmanasar dei muitas esmolas aos meus compatriotas. Eu dava o meu próprio alimento aos que estavam com fome, roupa aos que estavam mal vestidos, e quando via um cadáver de algum compatriota lançado fora das muralhas de Nínive, eu enterrava-o. Também sepultei os que Senaquerib matou» (Tb 1, 16s).

É Tobias, portanto, quem coloca a boa obra de «enterrar os mortos» depois das obras de misericórdia de «dar de comer a quem tem fome» e «vestir os nus». Foi esta lista conjunta que possivelmente influenciou que fosse incluída no último lugar, logo a seguir às seis da lista de Mt 25.

Uma razão mais profunda de tal inclusão é dada por São Tomás de Aquino. Por um lado, sublinha que o silêncio sobre a sepultura nas seis primeiras obras de misericórdia se deve ao facto de estas últimas serem de «uma importância imediata», e, por outro lado, indica que assim «não caem em desonra os que ficam sem sepultura, já que os corações misericordiosos devem ter afecto pelos defuntos mesmo depois de mortos; e é por esta razão que são louvados os que enterram os mortos, como por exemplo Tobias e os discípulos de Jesus no túmulo» (St II-II q. 32, a.2, ad1).

ROGAR A DEUS POR VIVOS E DEFUNTOS

Concluindo estas sete obras de misericórdia espirituais apresenta-se a que consiste em rogar a Deus por vivos e defuntos, dado que a oração é um dom de Deus na sua relação com o homem: «A oração, saibamo-lo ou não, é o encontro da sede de Deus com a nossa. Deus tem sede de

que nós tenhamos sede d'Ele» (Catecismo da Igreja Católica nº 2560). Numa palavra: «A oração cristã é uma relação de aliança entre Deus e o homem e o homem e Cristo» (nº 2564) e, portanto, é suporte para todas as obras de misericórdia. Na tradição cristã encontra-se um fio condutor para compreender o sentido da oração e a sua relação com a vida segundo o famoso díptico da Regra de São Bento (século V) que marcou toda a sua espiritualidade, não somente monástica, mas também geral, quando diz «*ora et labora*». Seguindo este espírito, Santo Inácio de Loiola explicitou este díptico dizendo: «*Orai como se tudo dependesse de Deus e trabalhai como se tudo dependesse de vós*» (cf Catecismo da Igreja Católica, nº 2834).

Esta obra de misericórdia destaca, além disso, a «comunhão com os santos» na Igreja, que é recordada no Catecismo Romano (séc. XVI) desta forma: «*Tudo o que a Igreja possui é possuído comumente por todos os que a integram; todos (os baptizados) são constituídos para o bem dos outros*» (cf 1Cor 12,23; Ef 4,11). O Concílio Vaticano II descreverá esta «comunhão dos santos» do seguinte modo: «*Todos (os discípulos do Senhor, tanto os que ainda estão em caminho como os defuntos) comungamos, embora em modo e graus diversos, no mesmo amor de Deus e do próximo [...]. Com efeito, todos os que são de Cristo e têm o seu Espírito estão unidos numa só Igreja e ligados uns com os outros n'Ele*» (cf Ef 4,16). «*E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham na terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, mas antes, segundo a constante fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais*» (LG nº 49), dado que «*se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se alegram*» (cf 1Cor 12,36) (LG nº 7).

